

LEMBRAR PAULO

Escrito por Administrator

Antes de lembrar Paulo Bandeira da Cruz, o Poeta, tão recatado que guardava livros na memória, para não ser flagrado lançando-os no papel,

suporte pouco nobre para a poesia, falo sobre o homem público, que brevemente conheci.

Além de advogado, emérito tributarista, perito em advocacia empresarial, jurista, com vários livros de direito, alguns publicados, outros com mais de uma edição, como o CISÃO DE SOCIEDADES NO DIREITO TRIBUTÁRIO, edição Saraiva – 1981, Paulo era uma usina de ideias culturais, criador de movimentos, jornais literários, revistas, livros coletivos, e um animador ímpar de encontros, de grupos e de ações artísticas.

A crédito de Paulo Bandeira: o Movimento POETAS DA RUA DO IMPERADOR, que ele idealizou, batizou, organizou, lançou (através do Jornal do Commercio), e manteve as colunas BÚSSOLA e ROL E LUPA, em jornal recifense; foi fundador dos movimentos FANDANGO e GERAÇÃO DO PÁTIO; criou concursos de poesia e fundou a Academia Pernambucana de Copos e Letras – APCL, em uma mesa do Bar Banguê, numa sexta-feira de 1986 (26 de setembro), no Pátio de São Pedro, cujos estatutos ele elaborou, estabelecendo que cada acadêmico escolheria uma bebida como patrono e escreveria um panegírico. O presidente de honra, à revelia, era Antônio Houaiss, Ministro, à época.

Uísque, cerveja, vodka, rum, conhaque, aguardente, vinhos, hidromel, gim, campari, entre outros, figuravam como patronos da APCL, criada por Paulo.

A grande polêmica foi a aceitação ou não da água de coco na Academia.

O patrono da cadeira nº 2, a de Paulo, era a cerveja, a quem ele fez um belíssimo elogio, declarando-se empossado e lavrando o termo respectivo no livro nº 3 de atas da Geração do Pátio.

LEMBRAR PAULO

Escrito por Administrator

A cadeira n° 1, Paulo reservou ao seu pai literário e amigo de quatro décadas, o poeta escocês e sirinhaense, Edgard Powell, que adotou, obviamente, o uísque como patrono.

A mim (VCA), coube a cadeira número 3, cujo o patrono foi a VODKA (bolchevique), e o indefectível “NASDRÓVIA”, para o brinde.

Toda essa atividade abarca não mais de três anos.

Além de poeta, de fina e vasta obra séria, de sonetista inestimável e forte influenciador de gerações, Paulo foi contista e pintor.

Sobre a poesia breve nota torna-se necessária.

Era característica de Paulo o uso singular de sintagmas, em conjunções imprevistas, imprevisíveis, mesmo insuspeitadas, chocantes e geniais bodas de palavras díspares, pela magia do poeta reunidas no altar do soneto: dália de cãibras, alma de cócoras, garupa de alecrim, tordilho d'água, lençol de claraboia e mão de truque, mormaço de algodão, talco de cisne, prado de crochê, paiol de abelhas, cutelo de jasmim, hóstia de ferro, algemas de sigilo, pó de estrelas.

Outra marca poética de Paulo era a infância como lócus da poesia, percorridos que eram os sonetos de personagens como Chang, Cinderela, Fantasma, Peter Pan, Mandrake, Tarzan, Soldadinhos de Chumbo, Pedro Malazarte, Trancoso, Princesas, Gata Borracheira, Alice, Branca de Neve, Pinóquio, Fada Madrinha, além de menções a jogos infantis como Roda, Cirandinha, Manja e Pega, para referir apenas meia dúzia de sonetos.

De Paulo, erótico, basta: Quem sabe na paisagem açucarada / do busto até o córrego de ventre / a flor que se inaugura tatuada / se dê ao puro-sangue da semente?

LEMBRAR PAULO

Escrito por Administrator

De Paulo, emocionado, com as mortes trágicas das garotinhas Erika e Bianca, em soneto à Raquel Di, sua filha: Na curva do silêncio Deus sentado / só espera que a flor tranque o momento / porque chegada a hora do encantado / o corpo vai deixando o monumento. / Eu penso que o anjo bom estava manco / quando escondeu as duas e o tamanco / de nuvem que Pinóquio pôs na estrada.

Mas Paulo se foi, chegada a hora do encantado, que o tempo é de tristeza e há um Deus no pasto, como em perfeitos sonetos ele plasma, não só sua vida, mas seu epitáfio.

E Paulo foi para a Morte (a Dama Inglesa), de veste preta do poema com seu soneto predileto e roupa inaugural de precipício, pronto e reto, como ele sempre esteve na vida.

E a Morte veio para Paulo com seu punhal de gelo e macadame, com sua mão de gaze e olhar de arame, no seu “medonho ofício”, convidar o poeta para as passagens.

E Paulo, agora, repousa, no azul de outros espaços, vestido de outro corpo e outra medida, ressuscitado em voo noutra vida, como em magnífico soneto anunciava, firme em seu credo humano.

E é com emoção funda e estranha que relembro Paulo Bandeira da Cruz (ou Paul Drapeux de la Croix) como ele gostava de dizer, e relembro seus sonetos, avalio o imenso poeta que foi, escritor do todo, de uma inteligência ímpar, brilhante, espiritualista, tão crédulo e bondoso que foi utilizado e explorado por muitos.

{jcomments on}